

# A Digna Raiva: tão anticapitalista como radicalmente anti-sistêmica\*

Carlos Antonio Aguirre Rojas\*\*

## **Resumo:**

O presente ensaio busca sublinhar a novidade específica que implicou o recente encontro do Primeiro Festival Mundial da Digna Raiva, convocado pelo neozapatismo mexicano. Para ele, se trata de decifrar as mudanças principais que os movimentos sociais contestatórios têm vivido a raiz do quebre histórico simbolizado pela revolução cultural mundial de 1968. E a partir destas mudanças, e da inédita situação que vive o capitalismo mundial desde essa ruptura de 1968, o ensaio busca dar-lhe conteúdo e sentido ao novo termo de “movimentos anti-sistêmicos” para mostrar tanto suas diferenças como suas conexões complexas com o conceito de movimentos anticapitalistas.

## **As raivas dignas: tão plurais como também muito diversas**

A exitosa convocatória e a impactante celebração do *Primeiro Festival Mundial da Digna Raiva*, que ocorreu nas cidades do México e de San Cristóbal de las Casas, entre 26 e 29 de dezembro de 2008, e de 02 a 05 de janeiro de 2009, sob a convocatória do digno movimento neozapatista mexicano, impressiona por muitas coisas, e entre elas também, pela enorme diversidade de seus participantes. Pois em harmonia com o tão diverso e multicolor eco mundial que, desde há quinze anos, suscitou este neozapatismo mexicano,

---

\* Traduzido por Alexander Maximilian Hilsenbeck Filho – doutorando em Ciência Política pela Unicamp – e revisado pelo autor. Esta é uma versão resumida e ligeiramente modificada da apresentada oralmente no *Primeiro Festival Mundial da Digna Raiva*, realizado em San Cristóbal de las Casas, em 4 de janeiro de 2009. Com este Festival, convocado pelo EZLN, este último referendou e atualizou seu papel fundamental como “espelho de múltiplas rebeldias”, primeiro do México, rebeldias nacionais agrupadas hoje no importante movimento da *Outra Campanha*, e logo de todo o mundo, rebeldias mundiais que dão corpo à *Sexta Intergaláctica ou Sexta Internacional* e também à vasta rede de solidariedade internacional a esse mesmo movimento neozapatista mexicano.

\*\* Pesquisador do Instituto de Pesquisas Sociais da UNAM, e professor da Escola Nacional de Antropologia e História do INAH, ambos no México.

chegaram a este Primeiro Festival atores, movimentos, indivíduos, projetos, coletivos, ativistas e representantes do mais variados tipos, origens e perspectivas.

Sujeitos e atores sociais ou individuais, e lutadores e combatentes heterogêneos e diversos que, entretanto, convergem na clara consciência *anticapitalista* de reconhecer no sistema mundial capitalista atual a fonte central de todos nossos problemas e dificuldades sociais. Portanto, coincidem também no projeto global de gerar iniciativas múltiplas, sempre construídas desde baixo e à esquerda, e encaminhadas a destruir radicalmente este capitalismo, origem de todos nossos males, para substituí-lo por outro mundo, não capitalista e radicalmente distinto do atual.

Assim, a enorme variedade dos participantes deste Primeiro Festival fez possível escutar dignas raivas mexicanas tão distintas como a das trabalhadoras das maquilarias do norte ou dos operários de Euzkadi, dos coletivos anarquistas, punks e libertários, dos membros do Congresso Nacional Indígena, dos colonos, dos presos políticos, dos trabalhadores mexicanos que trabalham nos Estados Unidos (“braceros”), dos ativistas oaxaquenhos, dentre muitos outros. E também, as raivas dignas de todo o mundo, que incluíam desde os italianos que lutam, por exemplo, contra uma base militar norte-americana, até os dignos estudantes gregos hoje insurgidos, e passando pelos trabalhadores espanhóis, o movimento urbano norte-americano, os comitês franceses de solidariedade com Chiapas, o movimento camponês indígena peruano, ou as trabalhadoras sexuais mexicanas, entre muitas outras. E tudo isto combinado com as reflexões de intelectuais mexicanos e de todo o mundo, que, acompanhando os movimentos e suas dignas raivas, tentam pôr suas ferramentas intelectuais a serviço e em apoio de todos estes mesmos movimentos.

Leque amplamente diverso de protagonistas e testemunhos de toda essa digna raiva, cuja convergência em um só Fórum e em um só espaço de intercâmbio, destinado a buscar em comum os “Outros Caminhos” para construir o “Outro Mundo”, não capitalista, haveria sido impossível de realizar e, inclusive, de conceber, há apenas três ou quatro décadas. Porque, antes de 1968, muitos dos movimentos mencionados que vieram agora a este *Primeiro Festival Mundial da Digna Raiva* nem sequer existiriam, enquanto outros eram tão minoritários, exíguos e marginais que nem seriam convocados nem considerados pelos movimentos sociais majoritários, os da classe operária industrial e os movimentos camponeses (e estes

últimos sempre concebidos ou auto-concebidos somente como “aliados secundários” dos primeiros).

Então, e à luz desta grande diversidade e heterogeneidade das referidas raivas dignas, vale a pena se perguntar: como tem sido possível a emergência e a maior visibilidade de todos estes novos movimentos, manifestadas somente nas últimas décadas? E também o que faz possível sua convergência e sua busca comum de outros caminhos, e de outros mundos não capitalistas e não baseados na exploração, no despojo, no desprezo e na repressão? E como se vincula tudo isto com a atual situação que hoje vive o capitalismo a nível mundial? E, finalmente, como é possível caracterizar todos estes novos movimentos de oposição radical ao sistema, nascidos apenas nestas últimas três ou quatro décadas? Ou, dito de outra maneira, como são e como podem ser estes novos movimentos, e também os velhos movimentos agora completamente renovados, movimentos genuinamente *anticapitalistas*, mas também e simultaneamente, movimentos radicalmente *anti-sistêmicos*? Vejamos.

### **A atual crise terminal, tanto do capitalismo como da pré-história humana**

Para poder compreender a possibilidade mesma de existência destes novos movimentos sociais e também a renovação radical dos velhos movimentos operários e camponeses, é preciso compreender primeiro qual é a etapa histórica que agora vivemos. E esta etapa histórica *não* é a da “globalização”, ou a da “mundialização”, que são somente termos inventados pelos meios de comunicação de massa, vazios conceitualmente e que, no fundo, só legitimam o capitalismo neoliberal atual, apresentando-o como um processo obrigatório para todas as nações do planeta e frente ao qual não existe qualquer alternativa possível<sup>1</sup>.

Tampouco vivemos agora a etapa do fantasmagórico “Império”, que estaria em todas as partes e em nenhuma, e ao qual se oporiam amorfas e também fantasmagóricas “Multidões”, compostas de pobres indeterminados e abstratos, para lutar ademais por objetivos limitados e reformistas (nada anticapitalistas) de conquista de uma “cidadania global” ou de um “salário social” ou de uma estranha reapropriação (sem expropriação radical) das

---

<sup>1</sup> Para uma crítica destes conceitos de “globalização” e “mundialização”, ver Wallerstein (2002; 2005) e Aguirre Rojas (2005).

condições de trabalho ou de uma igualmente etérea “recuperação do poder constituinte”<sup>2</sup>.

O que, por outro lado, sim vivemos agora, em nossa opinião, é a etapa da *crise terminal do capitalismo*, isto é, o momento histórico em que começam a colapsar todas as estruturas constitutivas deste sistema capitalista mundial, ao mesmo tempo em que emergem, de modo embrionário e inicial, mas também muito claro, os germes das futuras possíveis novas formas de organização de uma próxima sociedade não capitalista.

Por isto, hoje convivem em nosso mundo a crise ecológica mundial – e o risco de uma catástrofe ecológica planetária – com os Movimentos de Defesa da Mãe Terra e com a exigência de sua desmercantilização absoluta e integral, juntamente com a crise econômica mundial, que é ao mesmo tempo produtiva, comercial e financeira – e que será muitas vezes pior do que a crise de 1929 –, que se contrasta com os experimentos de formação de uma “Outra economia” e de “Outro comércio”, não regidos nem pela lógica da acumulação do capital, nem pela obtenção do maior lucro. O mesmo que a decomposição geral do tecido social de todas as sociedades capitalistas do globo, contraposta pela emergência de novas formas comunitárias, que nascem e crescem entre os neozapatistas das montanhas do sudeste mexicano, ou em alguns bairros piqueteros argentinos, ou no seio dos assentamentos brasileiros do Movimento dos Sem Terra, ou em lugares como a cidade de El Alto na Bolívia, ou em algumas comunidades indígenas do Equador, Peru ou Colômbia<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Para todas estas teses, confira o muito discutível trabalho de Hardt e Negri (2002). Tampouco concordamos que é preciso “elaborar outra teoria do valor”, nem em mudar os referentes de um novo discurso revolucionário, abandonando Marx para substituí-lo por Santo Agostinho, nem acreditamos que há que abandonar a dialética e o pensamento dialético, nem, enfim, que o modelo do novo militante anticapitalista e anti-sistêmico seja São Francisco de Assis, idéias todas defendidas nesta mesma questionável obra.

<sup>3</sup> Sobre a caracterização desta crise terminal do capitalismo, vale a pena reler a explicação da mesma que nos deu o sábio acadêmico Don Durito de la Lacandona, quem expressou a posição dos companheiros neozapatistas, nos explicou que há que conceber ao neoliberalismo, *não* como “resposta” a crise, mas como *expressão* dessa mesma crise, agregando por ele que dito neoliberalismo é “a caótica teoria do caos econômico” e a “catastrófica condução da catástrofe” para concluir que “o caos é a forma que distingue a nova ordem mundial”, ou seja, segundo nós reinterpretemos, a clara percepção de que o neoliberalismo e o capitalismo atual são precisamente o *caos sistêmico*, próprio de uma etapa de bifurcação ou transição histórica. Esta postura está contida nos comunicados do EZLN de 11 de março, de 17 de julho e de 29 de setembro de 1995, que podem ser consultados no livro *Documentos y comunicados* (1998). Também confira Wallerstein (1996, 2005) e Aguirre Rojas (2004, 2005). E sobre esses “gérmenes” de um mundo novo que hoje proliferam em toda a América Latina, Zibechi (2008) e Aguirre Rojas (2009).

E também coexistem as crises e decomposição total de todos os Estados e de todas as classes políticas do planeta, sumidas em um processo profundo de deslegitimação popular, de divórcio de suas bases sociais e de corrupção ética e geral, com a gestação de muito distintas e diversas formas de uma “Outra Política”, manifestada pelos novos movimentos anti-sistêmicos e que re-vincula e re-fundamenta essa Outra Política com o social, com a ética, e com a memória e a história das classes e dos grupos subalternos vinculados a esses mesmos movimentos. E também a existência paralela da crise cultural, crise de todas as formações da cultura contemporânea e de todos os saberes burgueses dominantes, asfixiados ambos pela indústria cultural e pela mercantilização e esvaziamento de todas as formas culturais, o que se cadencia com a revalorização e resgate do profundo saber popular e de todas as culturas subalternas em geral, resgate levado a cabo, uma vez mais, por esses mesmos movimentos anti-sistêmicos já referidos<sup>4</sup>.

Crise terminal do capitalismo ou etapa de transição histórica desde o capitalismo mundial até um novo sistema social, que tampouco é uma etapa pós-moderna ou pós-colonial ou pós-industrial ou pós-capitalista ou pós-burguesa, como pretendem alguns teóricos que, ao qualificar assim ao capitalismo mundial atual, o que perseguem no fundo é deslegitimar a profunda e ainda enorme vigência do pensamento crítico de Marx. Pois, sob formas mais abertas ou mais veladas, às vezes clara e as vezes envergonhadas, praticamente todos os autores que proclamam esta tese de uma etapa ou sociedade pós-colonial ou pós-moderna etc, afirmam que, em conseqüência, faz falta um “novo” pensamento, precisamente pós-moderno ou pós-colonial, ou descolonial ou descolonizador e, portanto, distinto do profundo legado que representa essa matriz fundante e essencial do pensamento crítico de Marx.

Esta afirmação leva aos devaneios de qualificar todo o pensamento de Marx como um pensamento “eurocêntrico” – a partir de uma só afirmação sobre um problema muito particular, além de tirada claramente de contexto; ou qualificá-lo como parte do pensamento hegemônico; ou a considerá-lo um pensamento crítico mas “débil”, ao mesmo tempo que se reivindica, sem vergonha, que o pensamento crítico “forte” somente pode nascer *fora*

---

<sup>4</sup> Sobre esta crise da política e da cultura contemporânea e sobre as novas formas de uma “Outra Política” e uma “Outra Cultura” ver os capítulos (“La ‘Otra Política’ de la Otra Campaña” e *Ir a contracorriente: el sentido de La Otra Campaña*, ambos em Aguirre Rojas (2007a) e também Aguirre Rojas (2008a).

da Europa, por exemplo, na América Latina<sup>5</sup>. Como se a razão e o saber *críticos* tivessem pátria e como se o pertencimento a uma cultura e a uma civilização deslegitimariam, ou em outro caso legitimariam de maneira *automática* o caráter etnocêntrico, ou em outro caso supostamente crítico, de um autor ou de uma obra qualquer.

Frente a isto, nós pensamos que Jean-Paul Sartre tinha completamente razão ao afirmar, em sua *Crítica da razão dialética*, que o pensamento crítico de Marx era “o horizonte intelectual insuperável de nossa própria época”, o que significa que hoje segue sendo impossível pensar *críticamente* e de modo genuinamente *científico* o capitalismo mundial, caso se pretenda ignorar Marx e seu potente legado intelectual, ou se pretende declará-lo “superado”, ou “eurocêntrico”, ou válido somente para o século XIX, ou inválido, ou inútil para pensar a suposta etapa do “Império”, ou para construir um suposto “pensamento fronteiriço” ou “pós-colonial” ou “descolonizador” ou um longo etc.

E isto, naturalmente, não para se ficar exclusivamente preso na obra crítica de Marx, mas para seguir partindo de suas lições e para, desde aí, repensar a realidade atual, recuperando tanto os aportes do verdadeiro *marxismo crítico* do século XX, desde Lênin, Rosa Luxemburgo, Antonio Gramsci e a Escola de Frankfurt até os trabalhos de Edward Palmer Thompson, Ranajit Guha ou Immanuel Wallerstein, entre outros. E também, para recuperar desde esse mesmo horizonte crítico de Marx as contribuições do pensamento crítico não marxista do século XX, desde Marc Bloch, Norbert Elias, George Simmel ou Fernand Braudel até os aportes de Carlo Ginzburg, Michel Foucault, Edward Said ou Ernest Gombrich, entre muitos outros autores<sup>6</sup>.

Pois pensamos que, longe de haver caducado ou de haver se esgotado, o pensamento crítico de Marx permanece profundamente atual<sup>7</sup> e que muitas de suas hipóteses só *recentemente* começam a ser realmente compreendidas e assumidas em todas suas ricas e múltiplas conseqüências. Por exemplo,

---

<sup>5</sup> A título de exemplo destas questionáveis e – aqui, sim – *débeis* posturas pós-coloniais e pós-modernas, Mignolo (2003).

<sup>6</sup> Tentamos fazer este tipo de recuperação em vários de nossos ensaios compilados em Aguirre Rojas (2006).

<sup>7</sup> Sobre esta vigência atual do marxismo, é interessante reexaminar novamente a postura dos neozapatistas mexicanos, expressada na carta que o Subcomandante Insurgente Marcos enviou a Adolfo Gilly em 22 de outubro de 1994, carta incluída em *Documentos y comunicados* (1998). Veja também, sobre esta vigência do marxismo, Aguirre Rojas (2008b).

a fina e aguda hipótese sobre o que significava em termos mais globais o complexo processo de fim histórico do capitalismo e de transição histórica que esta ruína capitalista implicava. Porque, contra a vulgata estalinista, que tendeu a conceber esse fim do capitalismo somente como o simples passo do modo de produção ou da sociedade capitalista, ao modo de produção ou a sociedade socialista, o que na realidade Marx formulou foi a tese *radical* de que, com a terminação histórica do capitalismo, concluía-se também necessariamente toda a *longa história das sociedades humanas baseadas na divisão em classes sociais*; e, mais além e mais profundamente, também se fechava toda a *longuíssima etapa da “pré-história” humana*, para dar lugar, pela primeira vez na história do homem, ao início do verdadeiro “reino da liberdade”.

Portanto, a crise atual do capitalismo e a transição histórica que ela representa não é uma transição simples e única, e nem sequer uma transição dupla, mas em verdade uma tripla transição, isto é, simultaneamente a crise terminal do capitalismo, a crise terminal da conformação ou configuração *classista* da sociedade, e também, num terceiro nível, a crise última e o final do domínio do reino da necessidade. O que não somente explica a magnitude e complexidade do atual “caos sistêmico” que agora vivemos, mas também a descomunal medida da transição histórica atual, e a enorme dimensão das mudanças e tarefas de transformação profunda que agora se nos impõe. E com tudo isto, também, a importante diferença, mas igualmente a necessária e específica articulação entre os movimentos *anticapitalistas* e os movimentos radicalmente *anti-sistêmicos*. Vejamos estes pontos com mais detalhe.

### **O nascimento de outra sociedade, tanto como de outro sistema histórico**

Se a crise sistêmica e global que agora vivemos não é somente uma crise mundial do modo de produção capitalista e da sociedade burguesa moderna, mas também e simultaneamente, crise terminal da configuração *classista* que durante mais de dois milênios adquiriram as sociedades humanas; e também, e mais além, crise definitiva da longuíssima e milenar família de civilizações humanas características do que Marx chamou da “pré-história da humanidade”, inaugurada com a própria origem da espécie humana, e que hoje está chegando a seu fim, então é lógico que as relações, estruturas, formas e instituições que hoje colapsam e se desestruturam frente aos nossos próprios olhos, sejam estruturas, relações etc., também correspondentes a

estes três níveis da realidade histórico-social mencionados.

Colapsos e crises múltiplas destes três registros referidos que, em consequência, também multiplicam e complexificam tanto os problemas e tarefas que enfrentam hoje os movimentos sociais anticapitalistas e anti-sistêmicos, como as frentes e espaços nos quais eles devem se pronunciar, atuar, lutar e inclusive e desde agora mesmo, começar a gerar praticamente as alternativas reais de reconstrução, gestando assim e nos fatos, as novas formas, relações e estruturas que correspondem aos novos mundos e às novas sociedades pelas quais esses movimentos combatem.

Por isto, junto aos combates anticapitalistas contra todas as formas de exploração econômica, do despojo territorial, social, de direitos e cultural, da repressão política e social em todas suas variantes, e das múltiplas formas de desprezo e discriminação, vemos também florescer agora, em todo o planeta, movimentos que questionam, desde a ancestral relação *instrumental* do homem com a natureza ou as lógicas tecnológicas produtivistas vigentes há milênios, junto à cada vez mais anacrônica e inoperante divisão entre o campo e a cidade, até a antiga divisão entre “alta” e “baixa” cultura e sua absurda hierarquia, junto às estruturas hoje dominantes dos saberes, populares e científicos, e à invasora e degradante “indústria cultural”. E tudo isto, passando também pela crítica radical da escravidão que representa todo tipo de trabalho – muito distinto do que é a atividade humana – e pela impugnação da divisão entre trabalho manual e intelectual, junto ao questionamento das formas classistas, desgarradas e antagônicas da organização social, da corrupta e degradada atividade da política em *todas* suas formas, ou de todo esse cortejo de relações desiguais e hierárquicas que são o patriarcado, o machismo, o racismo, o sexismo, a homofobia, o nacionalismo, o classismo ou o saber-poder, entre muitos outros.

Ampliação enorme e complexização também muito ampla da agenda dos problemas que implica esta bifurcação ou transição histórica hoje em curso, que explica tanto as múltiplas *novas* frentes de luta que hoje confrontam os movimentos de contestação radical ao sistema capitalista, como também os igualmente multiplicados novos sujeitos e agentes sociais subalternos, envolvidos nestas lutas e nestes movimentos. Pois um dos traços centrais que caracteriza a ditos movimentos anti-sistêmicos, depois da revolução mundial de 1968, é precisamente este crescimento exponencial, tanto das novas áreas de combate como dos novos sujeitos sociais que o



levam a cabo<sup>8</sup>.

O que permite agregar um *novo* sentido ao termo *movimentos anti-sistêmicos*, criado há algumas décadas por Immanuel Wallerstein<sup>9</sup>. Pois, se os movimentos que têm lutado durante séculos e ainda lutam contra as estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais capitalistas são, portanto e claramente, movimentos *anticapitalistas*, então, e em virtude desta adequação histórica do fim do capitalismo com o fim de toda possível sociedade dividida em classes sociais, e mais profundamente, com a conclusão também do próprio itinerário milenar do reino da necessidade e da pré-história humana, os movimentos *anti-sistêmicos* serão então aqueles que, além de lutar contra todas as expressões do mundo capitalista, lutem também contra *todas* as estruturas e realidades vinculadas a esse sistema *classista* da sociedade e, além disso, combatam frontalmente todas as manifestações desse sistema *escasso e pré-histórico* de toda a humanidade.

E dado que, durante cinco séculos, o capitalismo re-funcionalizou, incorporou à sua lógica e funcionamento geral e se beneficiou diretamente destas relações e estruturas primeiro classistas e depois também pré-históricas que lhe antecederam – criando, por exemplo, um racismo capitalista, um patriarcado burguês, uma hierarquia cultural funcional ao capital, ou uma modalidade burguesa moderna de relação instrumental com a natureza, entre muitas outras –, então hoje, nesta tripla e singular transição histórico-sistêmica, desenvolvida há somente três ou quatro décadas, todo movimento anticapitalista se vê obrigado a converter-se, se pretende ser realmente eficaz, também em movimento anti-sistêmico. E todo movimento anti-sistêmico, para sê-lo conseqüentemente, deve ser ao mesmo tempo um movimento genuinamente anticapitalista.

Algo que se tem ilustrado, de maneira exemplar, durante os quinze

---

<sup>8</sup> Eis um ponto que tem sido também muito claramente percebido pelos companheiros neozapatistas e constitui um dos principais critérios da própria organização e do funcionamento cotidiano da importante iniciativa da *Outra Campanha*. A este respeito, ver, por exemplo, o texto do Subcomandante Insurgente Marcos (2005) e Aguirre Rojas (2007a).

<sup>9</sup> Immanuel Wallerstein cunhou a expressão “movimentos anti-sistêmicos”, nos anos setenta, para englobar movimentos que, em *todas as áreas geográficas* do sistema-mundo capitalista, se opõem a ele, isto é, para incluir tanto os movimentos socialistas que lutam no centro e na semiperiferia do sistema-mundo, como os movimentos de libertação nacional que se afirmam sobretudo na periferia deste mesmo sistema-mundo. Sobre este ponto, Wallerstein (2008), em especial o capítulo II. Aqui, sem renunciar a essa primeira conotação proposta por Immanuel Wallerstein, acrescento a esta expressão um novo sentido, mais referente à sua significação *temporal ou de época*, enquanto expressão dessa crise múltipla de estruturas de longa duração, algumas das quais são seculares, mas outras também milenares e até plurimilenares.

anos de vida pública do digno movimento indígena neozapatista mexicano, assim como neste leque plural e multicolor de rebeldias diversas que foi este *Primeiro Festival Mundial da Digna Raiva*. Um ponto que agora vale a pena explicar com um pouco mais de detalhe.

### **Os novos movimentos radicais de contestação, tão anticapitalistas como anti-sistêmicos**

O fato de os movimentos que hoje lutam contra o capitalismo mundial<sup>10</sup> se desenvolverem dentro desta singular e tripla situação de bifurcação histórica faz com que eles, caso desejem, de fato, ser conseqüentes e coerentes, se convertam, em movimentos também radicalmente anti-sistêmicos. O que, então, não somente os leva a aprofundar e redimensionar de maneira inédita o conjunto de suas demandas específicas, mas também os conduz a formular novas, mais profundas e mais estruturais demandas concretas. E, com isto, logicamente, também os obriga a recolocar de um modo distinto o que foram suas antigas propostas alternativas de sociedade, as que, além disso, agora se combinaram com novas, mais audazes, e também mais radicais formas igualmente alternativas de reconstrução e de reorganização social global.

Por exemplo, na atual luta que os neozapatistas e, com eles, outros povos indígenas da América Latina travam na defesa da Mãe Terra e do Território. Pois esta luta afronta e questiona a dupla exploração econômica capitalista: de um lado, a exploração dos trabalhadores assalariados camponeses e, de outro, do uso tecnológico depredador capitalista da própria terra. Mas, indo além, estes povos indígenas rebeldes latino-americanos renegam, igualmente, a própria condição de “mercadoria” dessa Mãe Terra, apresentando a exigência profunda da obrigatória *desmercantilização* total da terra e do território, ao mesmo tempo em que questionam simultaneamente o próprio estatuto de *propriedade privada* desta terra, ao qual opõem uma nova e muito diversa relação entre homem e terra, não baseada nem no conceito de propriedade nem sequer no de apropriação, mas na idéia do cuidado e do amor humanos para com esta Mãe Terra.

E inclusive, e mais profundamente, estes movimentos indígenas

---

<sup>10</sup> *Nem todo* movimento social é automaticamente um movimento anticapitalista, pois isto requer todo um conjunto de condições particulares. Existem formas de protesto totalmente pró-sistêmicas ou pró-capitalistas, assim como manifestações ou movimentos que são apenas efêmeros ou puramente gremiais ou muito específicos etc. Sobre este ponto, Aguirre Rojas (2008c.).

anti-sistêmicos vão também criticar a concepção predominantemente “instrumental” dessa terra, que a vê só como *locus standi* e como meio de produção utilitário, opondo-lhe a idéia da “Pachamama” ou “Mãe Terra”, isto é, da terra e do território concebidos como a *fonte primeira obrigatória da vida humana em seu conjunto*, como base perene do sustento material de toda sociedade possível, mas também como envoltura e matriz global da vida humana inteira, tanto como origem primeira da cultura, dos mitos, das idéias, das ferramentas, das cores, das visões, das figuras e das formas, dos personagens, do alimento, da história, da memória, do cuidado dos próprios mortos, e de múltiplas relações e configurações sociais de todo tipo.

Concepção não-instrumental da Mãe Terra e da Mãe Natureza, que se estende não somente aos campos, à água, ao subsolo, às plantas e aos animais, mas que abarca também aos fundamentos mesmos dos territórios hoje considerados urbanos, as próprias cidades<sup>11</sup>, o que prefigura na muito próxima sociedade não capitalista, não classista e não pré-histórica que está por começar, tanto uma configuração distinta da distribuição demográfica sobre o território, que eliminará a milenar e hoje anacrônica antítese e divergência entre o campo e a cidade, como também uma muito nova e diversa interconexão ou metabolismo entre o homem e a natureza, entre o animal humano e a Mãe Terra da qual ele nasceu, se alimenta, na qual vive e se reproduz, e da qual depende, ainda hoje, de maneira profunda, enorme e estrutural.

Defesa e reivindicação da Mãe Terra que não é a única expressão deste caráter não somente *anticapitalista*, mas também profundamente *anti-sistêmico* dos novos movimentos sociais contestatórios. Descobrimos outras expressões similares quando observamos que, mais além da crítica frontal de todas as formas de exploração econômica capitalista, estes movimentos põem também em xeque a lógica *produtivista e escassa* que subjaz a essa exploração capitalista, e que a vincula com todas as anteriores sociedades humanas, frente às quais o neozapatismo demonstra, pelo contrário, através de uma atitude lúdica e antiprodutivista, que reivindica o consumo e o desfrute antes que a produção. Por exemplo, quando atribui dentro de seu

---

<sup>11</sup> Esta idéia radical, que questiona a própria divisão do espaço geográfico e do território humanizado no campo e cidade, e seus fundamentos últimos, foi formulada de modo muito agudo e acertado pelo Coronel Insurgente Moisés, na Mesa de 05 de janeiro de 2009, dentro do *Primeiro Festival Mundial da Digna Raiva*. Sua intervenção pode ser consultada no endereço eletrônico do Enlace Zapatista, <http://www.ezln.org.mx>. Tese que, não casualmente, coincide com a profunda idéia de Marx de que o fim da pré-história humana era também o fim da longuíssima e milenar relação de antagonismo entre o campo e a cidade, idéia desenvolvida, por exemplo, no capítulo I de seu livro *A ideologia Alemã*.

movimento uma importância *central* às atividades mesmas da festa, do baile, e da convivência comunitária, não apenas como premissa e apoio essencial da luta, mas também como atividade cuja reprodução, ampliação e promoção, constitui parte dos objetivos mesmos dessa luta. Pois, como têm dito em algumas ocasiões estes companheiros neozapatistas, uma revolução que não sabe bailar e que não se faz para poder dançar mais e ao gosto, é uma revolução que não vale a pena empreender.

Igualmente aguda é a crítica à classe capitalista e ao seu domínio social, que se prolonga mais além, até a crítica de toda sociedade possível baseada na divisão em classes sociais e à qual esses novos movimentos anticapitalistas e anti-sistêmicos vão opor recorrentemente distintas formas de reconstituição das figuras *comunitárias* da organização social. Como, por exemplo, a profunda e tenaz defesa do “nós” zapatista por cima do eu e do indivíduo, o que *não* nega o importante papel da individualidade humana dentro da história e sim do individualismo possessivo, egoísta e anticomunitário característico da maioria das sociedades classistas. O que, em mudança, é substituído por uma nova síntese comunitária superior, onde indivíduo e comunidade se retroalimentam e se enriquecem mutuamente todo o tempo, em vez de oporem-se e confrontarem-se permanentemente.

Ou também a crítica radical da atividade mesma da política humana, que nestes movimentos anti-sistêmicos atuais, não é somente crítica da política capitalista, mas também e mais além, de *toda* política classista possível, e até de toda política possível, política que sempre tem separado, para opô-las, as funções de mando e obediência, e que ao longo de séculos e milênios, esvaziou e falsificou o conteúdo *estrito* do conceito de democracia, elitizando esta e convertendo em episódico o exercício dessa política para as grandes majorias, política que também sempre funcionou só para perpetuar a dominação de uma classe qualquer, e com ela, também a reprodução das distintas e injustas hierarquias sociais que a acompanharam durante tanto tempo<sup>12</sup>. Ao que os companheiros neozapatistas têm oposto a idéia de uma “Outra Política”, tão radicalmente *outra* que já não deveria nem chamar-se assim, e que no fundo será apenas a figura transitória e efêmera da verdadeira *morte absoluta da política e do político* humanos, prevista igualmente por Marx, nas passagens finais de seu célebre texto *A Miséria da Filosofia*.

Crítica radical da política, que juntamente com as críticas à configuração

---

<sup>12</sup> Sobre esta profunda e radical crítica neozapatista da política, confira os nossos textos citados na nota 5, e também nossos ensaios em Aguirre Rojas (2008d e 2007b).

classista das sociedades, ao produtivismo tecnológico das economias baseadas na escassez, ou à visão instrumental da natureza e da terra, constitui somente alguns possíveis exemplos dessa articulação e imbricação cada vez mais estreita e necessária, que tende a converter todo movimento *genuinamente anticapitalista*, nas atuais circunstâncias da tripla crise do capitalismo, das sociedades de classes e da pré-história humana, em um movimento também *radicalmente anti-sistêmico*.

E, posto que a humanidade, sabiamente, não se coloca mais do que aqueles problemas que já está em condições de resolver, é a esses novos movimentos pós-68, anticapitalistas e anti-sistêmicos, que cabe hoje, claramente, organizar com sabedoria, paciência e coragem todas essas dignas raivas do planeta que fervem, florescem, se multiplicam e prosperam por toda parte, para que sejam capazes de confrontar esta crise múltipla já referida e ao caos sistêmico que a acompanha, gerando frente a suas inevitáveis ruínas, os belos e importantes cimentos de um mundo novo e muito *outro*, um mundo que como nos aconselham sabiamente os companheiros neozapatistas, deverá ser um “mundo no qual caibam muitos mundos”.

Cidade do México, 13 de janeiro de 2009.

### **Bibliografia**

- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. (2004). *Immanuel Wallerstein: crítica del sistema-mundo capitalista*. México: Era.
- \_\_\_\_\_. (2005). “Una perspectiva histórico-crítica de la globalización y la mundialización”. In: *Para comprender el siglo XXI*. Barcelona: El Viejo Topo.
- \_\_\_\_\_. (2006). *Retratos para la Historia*. México: Contrahistorias.
- \_\_\_\_\_. (2007a). *Chiapas, Planeta Tierra*. Bogotá: Desde Abajo.
- \_\_\_\_\_. (2007b). “Los nuevos movimientos sociales de América Latina. Una breve radiografía general”. *Contrahistorias*, n. 9.
- \_\_\_\_\_. (2008a). *Mandar Obedeciendo. Las lecciones políticas del neozapatismo mexicano*. 2 ed. México: Contrahistorias.
- \_\_\_\_\_. (2008b). *Antimanual del mal historiador*. 13 ed. México: Contrahistorias.

- \_\_\_\_\_. (2008c). “Planeta Tierra: los movimientos antisistémicos hoy”. In: WALLERSTEIN, Immanuel. *Historia y dilemas de los movimientos antisistémicos*. México: Contrahistorias.
- \_\_\_\_\_. (2008d). “Una otra democracia para el Programa Nacional de Lucha”. *Contrahistorias*, n. 10.
- \_\_\_\_\_. (2009). *América Latina en la encrucijada*. 7 ed. México: Ed. Contrahistorias .
- EZLN (1998). Documentos y comunicados, tomo II. México: Era.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. (2005). *Império*. Rio de Janeiro: Record.
- MIGNOLO, Walter (2003). *Historias locales, diseños globales*. Madrid: Akal.
- SUBCOMANDANTE INSURGENTE MARCOS (2005). “Carta a ONGs, Colectivos, Grupos...”. *Rebeldía*, 34.
- WALLERSTEIN, Immanuel. (1996). *Después del liberalismo*. México: Siglo XXI.
- \_\_\_\_\_. (2002). “¿Globalización o era de transición?”. *Eseconomía*, 1, México.
- \_\_\_\_\_. (2005). “La globalización no es algo nuevo”. In: WALLERSTEIN, Immanuel. *La crisis estructural del capitalismo*. México: Contrahistorias.
- \_\_\_\_\_. (2008). *Historia y dilemas de los movimientos antisistémicos*. México: Ed. Contrahistorias.
- ZIBECHI, Raúl. (2008). *Autonomías y emancipaciones. América Latina en movimiento*. México: Bajo Tierra.